

TABULEIRO DE LETRAS

Donde está la traducción... a leitura comparada de ‘Un niño entre hombres y cangrejos’ e ‘Homens e caranguejos’

Donde está la traducción... Una lectura comparativa de ‘Un niño entre hombres y cangrejos’ y ‘Homens e caranguejos’

Thiago Azevedo Sá de Oliveira (CAPES/UFPA)¹
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (CNPq/UFPA)²

RESUMO: A leitura comparada de *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), edição espanhola do romance *Homens e caranguejos* (1967), de Josué de Castro (1908-1973), reconhece na tradução as apropriações e transposições do processo tradutório do único romance atribuído ao autor pernambucano. A tradução hispânica, de Maria Isabel Martino e Angel Ruiz Camps, expõe o fluxo de circulação internacional do romance josueniano. Nos anos de 1960, período do chamado *boom* latino-americano, a difusão da língua hispânica ensejou a reflexão da escolha pelo idioma castelhano como condicionante de apelo à unidade cultural latino-americana. Em face da aproximação entre *Un niño entre hombres y cangrejos* e *Homens e caranguejos*, neste artigo busca-se observar em que medida a tradução atua como uma, dentre outras práticas, de realização da obra original. Ciente do papel intelectual exercido por Josué de Castro, compreende-se a experimentação tradutória de *Un niño entre hombres y cangrejos* como ato criativo de reescrita, que estimula a sobrevivência interpretativa e leitora do texto (BERMAN, 2013; LEFEVERE, 1992) e a ampliação do espaço recepcional da obra (JAUSS, 1979).

Palavras-chave: Josué de Castro; Recepção; Tradução literária.

RESUMEN: La lectura comparativa de *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), edición española de la novela *Homens e caranguejos* (1967), de Josué de Castro (1908-1973), reconoce en la traducción las apropiaciones, los contrastes y transposiciones que participan en el proceso de la única novela del escritor pernambucano. La traducción hispana, hecha por María Isabel Martino y Angel Ruiz Camps, pone la reflexión a cerca del flujo de la circulación internacional de la ficción josueniana. En la década de 1960, durante el llamado “boom” latinoamericano, la difusión de la lengua hispana ha permitido la reflexión sobre la elección de la lengua castellana como condición para la apelación a la unidad cultural de latinoamerica. Dada la proximidad entre *Un niño entre hombres y cangrejos*, y *Homens e caranguejos*, en este artículo se trata de observar la medida en que la traducción actúa como una, entre otras prácticas, hacia la realización de la obra original. Consciente del papel intelectual que fue desempeñado por Josué de Castro, se puede entender la traslación experimental de *Un niño entre hombres y*

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. E-mail: prof.thiagoezevedo@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: eellip@hotmail.com

cangrejos como acto creativo de reescritura, que estimula la supervivencia interpretativa y lectora del texto (BERMAN, 2013; LEFEVERE, 1992) y la ampliación del espacio recepcional de la obra (JAUSS, 1979).

Palabras-clave: Josué de Castro. Recepción. Traducción literaria.

Em 1962, ano em que o poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto criou a *Revista de Cultura Brasileira*³, editada pela Embaixada do Brasil em Madrid, com objetivo de divulgar a produção cultural brasileira, Josué de Castro, amigo e conterrâneo do autor de *Morte e Vida Severina* (1956)⁴, foi escolhido, em Genebra, como embaixador-chefe do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (ONU), tornando-se conhecido pela condução do debate sobre a fome.

Em 1967, posterior à publicação espanhola do romance *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), Castro, que já incluía nessa narrativa versos do poema “o rio”⁵, acresce no prefácio à edição brasileira de *Homens e caranguejos*, um parágrafo, que afiança o “encontro” com Melo Neto. O romancista (leitor) reverencia a importância desse escritor, deixando consignada sua “profunda gratidão pela contribuição que representou na elaboração do livro a leitura das obras de três grandes poetas do Nordeste: Ascenço Ferreira, Joaquim Cardoso e Cabral de Melo Neto” (CASTRO, 1967, p. 25).

Figura 1: (Julho de 1965) – Visita de Josué de Castro à Espanha para lançamento de *Oú en est la révolution en Amérique Latine?*, após debate com Claude Julien, Juan Arcocha e Mario Vargas Llosa

³ “En el mes de junio de 1962 salía a la calle el primer número de una revista [...] Se trataba de la *Revista de Cultura Brasileira*, cuyo promotor en la sombra fue el poeta João Cabral de Melo Neto, entonces en misión consular en España, y cuyo primer director fue el también poeta Ángel Crespo, uno de los mayores brasileñistas que ha tenido nuestro país. Se afirmaba que era preciso ‘crear una publicación que, excediendo al ámbito de lo meramente informativo o noticioso, pusiese al alcance de los estudiosos españoles un compendio, o quizá reflejo, del acontecer cultural brasileño’ MAURA, Antonio. *Centro Cultural do Brasil em Barcelona*, 2015. Disponível em: cbrasilbarcelona.org/noticias/ebook-revista-cultura-brasilena/#more-102.

⁴ Em 2016, *Morte e Vida Severina* completa 60 anos, desde a publicação inaugural, de 1956.

⁵ A epígrafe de “O rio” antecipa a aproximação poética entre o Brasil e a Espanha pela inclusão do verso “Quiero que compongamos io e tú una prosa (Berceo)” (MELO NETO, 1986, p. 273).



Fonte: PERFIS PARLAMENTARES, 2007, p. 251

O silogismo do parágrafo introdutório, que relaciona o papel fundacional de Melo Neto, como entusiasta da cultura brasileira na Espanha, e a atuação de Castro, como um dos intelectuais brasileiros de maior prestígio do século XX, serve como parâmetro contextual da inserção cronológica e cultural do romance *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), na Espanha. A ilustração da visita deste autor à Espanha, para ministrar a conferência “Oú en est la révolution en Amérique Latine?”, impõe à leitura de seu único romance o conhecimento prévio do panorama literário dos anos de 1960.

Sendo o Brasil um dos poucos países da América Latina que não possui o castelhano como língua oficial, o estudo de *Un niño entre hombres y cangrejos* viabiliza refletir sobre a tradução do romance josueniano no contexto de efervescência do movimento literário latino-americano. Na maior parte, formado por escritores cuja língua-mãe era o castelhano, o grupo latino-americano, liderado por Borges, Cortázar, Garcia Márquez e Vargas Llosa, incentivou a integração cultural da região, tornando-a dinâmica ao antes, inquestionável, juízo europeu. Abdala Junior lembra que

Os estudos pautados pelo eurocentrismo desconsideram a potencialidade subjetiva do outro, visto que sempre como objeto e não como sujeito capaz de produzir (e não apenas reproduzir especularmente) o conhecimento. Defendem uma falsa neutralidade de epistêmica, desconsiderando a potencialidade de quem produz conhecimento na periferia, a não ser daqueles que mantêm hábitos de colonizados. Pode-se falar de um mito da objetividade e da cientificidade que esconde o lócus enunciativo de quem fala, tomado em suas dimensões individuais e sociais. Na verdade, essa desconsideração está associada à história do eurocentrismo que vem do processo colonial e que, de várias formas, acaba por exteriorizar ou encobrir uma maneira de pensar o mundo marcado pela discriminação (2012, p. 41).

Ao rechaçar a discriminação eurocêntrica, Abdala Junior não nega, entretanto, a interação brasileira ou latino-americana com a Europa. Contudo, a ênfase de sua análise recai sob o comparatismo prospectivo. Para o crítico, “somos europeizados e aprendemos também com a experiência do outro [...] Em termos de estudos comparados entre nossas literaturas, importa saber o que temos em comum, mas também de diferente” (ABDALA JUNIOR, 2012, p. 26).

Josué de Castro, que transita entre os polos periféricos e hegemônicos como intelectual “nômade”, exilado em Paris, lega à tradução do romance *Un niño entre hombres y cangrejos* a discussão de fronteiras culturais e políticas entre o sistema latino (originalmente, brasileiro) e europeu. Sob a mediação da fome, elemento comum à investigação do cientista e à criação do escritor, Castro revela a expressão estética do subdesenvolvimento. Isto é, do desequilíbrio econômico e social como formador da identidade cultural latino-americana (OLIVEIRA; HOLANDA, 2015).

O modo cumulativo como Castro enxerga a junção entre a ciência e a arte, atrelado à compreensão universal que detém da condição humana, propicia ampla difusão do livro *Geografia da fome* (1946). Traduzido em mais de vinte e cinco idiomas, a obra é dedicada aos escritores Euclides da Cunha, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Rodolfo Teófilo, para quem, conforme adverte o autor, constituem-se, difusamente, em “romancistas da fome” e sociólogos da fome” (1946, p. 7).

Ainda no prefácio ao *Geografia da Fome*, Castro refere-se à fome pelo termo *tabu*, expressão cara à teoria psicanalítica de Sigmund Freud, presente em *Totem e Tabu* (1913)⁶. O diálogo josueniano com a teoria freudiana, mais do que revelar fidelidade às teses científicas, endossa marcas discursivas do escritor-médico, profundamente interessado em conhecer o homem pelo viés da ficção. Não se deve olvidar que Freud, munindo-se da leitura de *Édipo-Rei* (2001)⁷, de Sófocles, foi o responsável pela esquematização psicológica do Complexo de Édipo.

Castro recebeu inúmeros prêmios em função de sua obra, entre os quais: o *José Veríssimo* (1946), concedido pela Academia Brasileira de Letras; o *Roosevelt*, da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos, pelo livro *Geografia da fome* (1952); o *Prêmio Internacional da Paz* (1954), além de uma indicação, em 1963, para o *Nobel da Paz*.

⁶ FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

⁷ SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O autor iniciou-se na atividade literária em meados da década de 1920, e, além da cartilha poética *A Festa das Letras* (1937/2015)⁸, escrita em coautoria com Cecília Meireles, publicou sete poemas, oito contos e quase noventa ensaios, transmitidos ao público em jornais e revistas brasileiros (SILVA, 2012). A filiação ensaística da obra josueniana jamais perderia de alcance a nítida tonalidade ético-estética que abriria o diálogo para que o cientista expusesse a consciência ontológica do escritor que observa no cotidiano ao qual se integra a denúncia enviesada das mazelas sociais.

La traducción de la novela del hambre y el "boom" de latinoamerica

Se, no século XIX, a ficção realista inclinara-se à tematização social e ao debate sobre o modo como o romance exerceria a tarefa de retratar a realidade e a cultura do homem burguês, a chegada do século XX, marcada pelo advento das inovações modernistas e pela imagem telúrica do regionalismo, traria consigo o uso da oralidade como modalidade que expressaria na linguagem a autonomia da cultura brasileira ante o modelo colonial europeu.

No livro *A Língua do Nordeste* (1934), Mário Marroquim admite para o estudo dialetal do Brasil a hipótese de que, “dentro do próprio seio da língua o dialeto encontrou elementos para se enriquecer. Valendo-se dos mesmos recursos do português, multiplicou o seu léxico por meio da derivação e da composição” (2008, p. 107). Sua análise está amparada pela utilização linguística de fragmentos literários que expõem particularidades da língua do nordeste, como no caso do emprego do advérbio “já”;

O advérbio *já*, em princípio de frase afirmativa, repete-se também no final dela. [...] Analogia com igual construção das frases negativas. “Deu um pulo ali na rua. *Já vem já*”. (José Américo de Almeida – *Bagaceira*, p. 102). “Eu já volto *já, já*.” (José Américo de Almeida – *Bagaceira*, p. 102).

A negativa construída com o advérbio *já* não é conhecida no falar nordestino. Não dizemos *já não quero* e, sim, *não quero mais*. É de uso geral no país, creio eu; já atingiu a literatura e, se não a gramática, os gramáticos, tendo sido empregada essa construção pelo grande mestre João Ribeiro (MARROQUIM, 2008, p. 144-5).

A especulação sobre o uso adverbial denota o acompanhamento temático da língua do nordeste. Em contrapartida, importa ao estudo de *Un niño entre hombres y cangrejos* que se

⁸ CASTRO, Josué de; MEIRELES, Cecília. **A Festa das Letras**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

tome a análise feita por Marroquim como uma difração, atentando-se para o processo criativo de apropriação da língua. Chega-se ao *corpus* da discussão, isto é, a tradução espanhola do romance josueniano, tendo em vista a leitura da tradução como processo, já que é pela dinâmica tradutória que se somam os estranhamentos culturais da obra e os deslocamentos da ficção entre dois eixos linguísticos.

Maingueneau (1995, p. 28) indica na problematização do discurso literário a hipótese de que o escritor constrói o seu lugar no mundo por meio da “negociação difícil entre o lugar e o não-lugar”. O espaço da criação identitária na língua e na enunciação literária de *Un niño entre hombres y cangrejos*, por aproximação, “parece poder explicar alguns dos aspectos do fazer literário que levam à concretização, na enunciação, do lugar que o escritor pensa para si mesmo no mundo” (GIERING; SEVERO, 2011, p. 288-9).

Em 1º de agosto de 1929, no *Diário da Manhã*, do Recife, Josué de Castro assina o ensaio “Estudos Americanos — Salvador Díaz Mirón ou o Espírito Mexicano (Homenagem ao General Medina Barron)”. À época da morte do poeta mexicano Salvador Díaz Mirón⁹, Castro enfatiza o idealismo revolucionário de Díaz Mirón, como precursor da revolução no México e iniciador do socialismo moderno. Para o então ensaísta, “como vários precursores e revoltados, [Mirón] expiou o perigoso privilégio de viver no futuro” (CASTRO, 1929, s/n).

A exterioridade ensaística da prosa literária, durante o chamado “boom” latino-americano, retoma a discussão realista do século XIX, para distinguir pontos de aproximação e de diferença entre o ensaísta e o moralista. Para o teórico francês Jacques Leenhardt (1984, p. 134) “el ensayista es un moralista, pero tal a aspiración ética del ensayo nunca es lo suficientemente fuerte como para opacar la importancia que tiene la búsqueda de los medios estéticos”. Entre o lugar e o não lugar da enunciação literária, Josué de Castro empenha-se na tradução de um hibridismo cultural¹⁰, que se dá pela mediação ético-estética de sua ficção.

A etimologia do verbo latino *traducere* sugere a tendência processual de movimento. “Traduzir” é aqui entendido como sinônimo de conduzir, transpor, estabelecer pontes culturais e discursivas de uma língua a outra (CHIARELLI, 2011). Em igual perspectiva, Antoine Berman assimila o ato de traduzir como aquele que “remete a qualquer texto gerado por

⁹ “Díaz Mirón, combativo e impulsivo, apresenta uma poesia juvenil impetuosa e sonora, de estrutura vigorosa, à maneira de Hugo e Byron, erguendo-se contra a opressão num anelo de justiça social” (JOZEF, 1989, p. 119).

¹⁰ Por *hibridismo cultural*, delimita-se “um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações” (BURKE, 2003, p. 17).

imitação, paródia, pastiche, adaptação, ou qualquer outra espécie de transformação formal a partir de um outro texto já existente” (BERMAN, 2013, p. 40).

Un niño entre hombres y cangrejos, romance escrito por Josué de Castro durante seu exílio, em Paris, com tradução para o espanhol de Maria Isabel Martino e Angel Ruiz Camps, opera técnica similar ao que se verifica nas respectivas traduções portuguesa e francesa de *O ciclo do caranguejo* e *Des hommes et des crabes*, também de 1966. Indistintamente, as edições estrangeiras respondem pela transposição cultural e pela re(escrita)/manipulação¹¹ discursiva de *Homens e caranguejos*.

Embora se configure como tradução que sucede os volumes português e francês, e que antecede o brasileiro, *Un niño entre hombres y cangrejos*, remete-se como obra original o título de “Homens e carangueijos”. Deixando em segundo plano a grafia inadequada para se referir a “caranguejo”, Martino e Camps aparentemente desconsideram a ordem cronológica das publicações estrangeiras e, na menção a “Homens e carangueijos”, como sendo o “original da obra em português”, insinuam a legítima brasilidade do texto-fonte.

O volume brasileiro de *Homens e caranguejos*, que adquiriu feição romanesca apenas em 1967, já existia como matéria literária, sendo difundido no Brasil desde a década de 1920, pela publicação em periódico dos contos-matriz de: “O ciclo do caranguejo”, “A seca”, “João Paulo”, “A cidade”, “O despertar dos mocambos”, “Ilha do Leite”, “Assistência social” e “Solidariedade humana”. Contos-matriz, pois se constituem em narrativas curtas, que se expandem como esboços da apropriação, em seguida, efetuada na composição hipertextual do romance.

Dos contos ao romance, a tensão que Josué de Castro manifesta sobre a geopolítica literária e social do dito “terceiro mundo” parece materializar-se na prosa humanística de sua autoria. O fluxo de *Homens e caranguejos/Un niño...* convida o leitor latino-americano, sobretudo, o brasileiro, a indagar-se do profundo desconhecimento dos latinos acerca da história e dos valores artístico-culturais da região¹².

¹¹ “(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos” (LEFEVERE, 1992, p. vii).

¹² “Da Europa, conhecem o movimento modernista francês, mas do Brasil ignoram Murilo Mendes, ou que Aluísio de Azevedo “é admiradíssimo na Inglaterra, e que o poeta mexicano Amado Nervo, é lido e conhecido em toda Europa”. Da mesma forma, o México é um país desconhecido dos outros países americanos” (CASTRO, 1929, s/n).

Pela tradução do romance josueniano, o leitor estrangeiro, ainda que ressalve o peso de certo eurocentrismo tradutório, inerente à perspectiva etnocêntrica de traduzir nomes próprios, como o do bairro “Ilha do Leite” / “Isla del leite” (p. 14) e da personagem protagonista (João Paulo), para “Juan Pablo”, testemunha em função do volume espanhol de *Un niño entre hombres y cangrejos* a ampliação do acesso à produção literária de Josué de Castro no “Velho Mundo”. Ao lado das edições portuguesa e francesa de *O ciclo do caranguejo* e de *Des hommes et des crabes*, o volume hispânico realça a percepção do público para o Josué-ficcionista.

Assim como na tradução das demais edições europeias, Martino e Camps repetem na utilização do grifo em itálico a ocorrência de vocábulos pertencentes ao sistema brasileiro, a exemplo de “farofa” (p. 13), “macaxeira” (p. 89) e “guaiamus” (p. 203). Com isso, os tradutores, também como leitores, exercem a tarefa hermenêutica de diferenciar os modos de recepção. De um lado, aclaram o “processo em que vigoram o efeito e o significado para o leitor atual e, de outro, reconstroem o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos” (JAUSS, 1979, p. 46).

Durante o ano de 1968, Raymond Cantel (1914-1986) apresentou a conferência “La persistencia de los temas medievales de Europa en la literatura popular del nordeste brasileño”, no *III Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, realizado no México. Na explanação, Cantel localiza nas obras de três escritores, dentre elas, o romance de Josué de Castro, a tradução cultural das antigas histórias medievais europeias.

Se conoce bastante bien la historia de dicho libro (*Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França, traducida de lo castelhano por Jerónimo Moreira de Carvalho*)...nació en Francia, viajó por España y Portugal hasta abordar finalmente a las tierras americanas. [...] Actualmente podemos observar en obras de escritores tan diferentes como Lins do Rego, Josué de Castro y Gerardo Mello Mourão indicaciones que muestran la influencia profunda y permanente de la vieja historia medieval. (CANTEL, 1968, p. 175).

Redigido em castelhano, o texto acerca da persistência dos temas medievais na literatura brasileira não se baseia na tradução hispânica da prosa de Josué de Castro, mas na edição francesa, cuja nacionalidade se estende a seu idealizador. Para Cantel, a ficção josueniana aproveita-se da influência das aventuras dos heróis da França, presentes na história do imperador Carlos Magno, “como parte integrante del universo espiritual nordestino, presentes en los cuentos para niños y para adultos mencionados por Josué de Castro” (1968, p. 176-7).

A análise do crítico francês permitiu compreender *o modus operandi* da tradução de *Un niño entre hombres y cangrejos*, na manipulação dos temas medievais e no trânsito das expressões orais da cultura ibero-americana. A transposição das histórias para o universo ficcional identifica a atribuição da romanesca josueniana como tradução cultural, pois “a tradução entre línguas [se dá] no contexto da tradução entre culturas” (BURKE; HSIA, 2009, p. 13).

Pela inclusão de lendas ao texto, utilizadas a fim de situar algumas das danças populares do nordeste brasileiro, a convergência cultural entre *Un niño entre hombres y cangrejos* e *Homens e caranguejos*, ao passo que reconhece a autonomia brasileira, revela a tendência homogeneizante da tradição europeia. A edição hispânica, assim como as edições portuguesa e francesa, alude à tensão tradutória, acrescentando aos vocábulos das danças do “pastoril”, do “maracatu” e do “bumba-meu-boi”, notas explicativas de “(danzas populares); (danzas africanas); (representación folklórica)” (CASTRO, 1966, p. 128.9).

A recriação hispânica do romance converge para a legitimidade popular e oral do texto-fonte. O imaginário das feiras do nordeste brasileiro, local que abriga a exposição artística das referidas danças, de violeiros, repentistas e vendedores de folhetos de cordel, condensa a alteridade política da obra. A leitura comparada do romance josueniano propicia que a tradução seja encarada como procedimento análogo de realização da obra original (CARVALHAL, 2003).

Conclusão

A tradução de *Un niño entre hombres y cangrejos* ainda carece de substância crítica, que sustente a capacidade recente de interação da obra com o leitor brasileiro, espanhol e latino, atuais. O distanciamento temporal dos exatos 50 anos da publicação que persiste como a única em língua hispânica não inibe, contudo, que novas recepções sejam (re)adequadas ao debate histórico de formação e consolidação da produção literária latino-americana.

A discussão sobre o processo tradutório implica na diversificação compositiva do romance josueniano. Cabe considerá-lo em meio à dinamicidade da obra que, mesmo situada entre fronteiras culturais, linguísticas, não se desvincula da origem, como referente. A imagem dos mangues do Recife e das histórias de fome está para além do tematismo exótico da aspiração realista e regional. Na análise mais profunda das entrelinhas da tradução, assiste-se ao curso do processo tradutório e à ressignificação da autonomia política e discursiva da referida ficção.

É fato que o médico e escritor Josué de Castro compreendia como poucos a questão da fome. Há que se fazer jus a esse intelectual, cercando agora a leitura de sua produção ficcional. Deve-se retornar a ela, explorando nos vazios da interpretação o acúmulo do leitor e suas possíveis reelaborações crítica. A comparação entre *Un niño entre hombres y cangrejos* e *Homens e caranguejos* corresponde à provocação de dar início à trajetória, percorrendo e investigando “Donde está la traducción...”

Referências

ABDALA JUNIOR. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2003.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

CANTEL, Raymond. La persistencia de los temas medievales de Europa en la literatura popular del nordeste brasileño. In: **Actas del III Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**. México, 1968. Disponível em: www.cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/03/aih_03_1_021.pdf.

CARVALHAL. Tania Franco. **O Próprio e o Alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: a fome no Brasil*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

_____. **Des Hommes et des Crabes**. Trad. Christiane Privat. Paris: Seuil, 1966.

_____. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. **O Ciclo do Caranguejo**. Trad. Mário Alves Porto: Brasília, 1966.

_____. **Un Niño entre Hombres y Cangrejos**. Trad. Maria Isabel Martino e Angel Ruiz Camps. Madrid: Cid Ediciones, 1966.

_____. Estudos Americanos: Salvador Díaz Miron ou o Espírito Mexicano — Homenagem ao General Medina Barron. **Diário da Manhã**, Recife. 1 de ago. 1929.

CHIARELLI, Stefania. A letra no passaporte: fronteiras e paisagens. ALENCAR, Ana Maria Amorim de; LEAL, Izabela; MEIRA, Caio (Orgs.). **Tradução Literária: a vertigem do próximo**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

GIERING, Maria Eduarda; SEVERO, Renata Trindade. Língua e literatura: espaços de criações identitárias. **Desenredo**, v. 7, 2011, p. 288-311.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

JOZEF, Bella. **História da Literatura Hispano-americana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LEENHARDT, JACQUEZ. La estructura ensayística de la novela latinoamericana. RAMA, Angel (Org.). **Más allá del Boom: literatura y mercado**. Buenos Aires: Fólíos Ediciones, 1984. LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London/New York: Routledge, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Contexto da Obra Literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EdUFAL, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesias Completas: 1940-1965**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

OLIVEIRA, Thiago; HOLANDA, Sílvio. Uma literatura latino-americana é possível: o lugar do subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro. In: **Anais da VIII Jornada de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Brasil-Amazônia**. Belém: set. 26, 2015. Disponível em: fibrapara.edu.br/site/noticias/708-anais-da-viii-jornada-de-pos-graduacao.

PERFIS PARLAMENTARES. MELO, Marcelo Mario de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

SILVA, Tânia Elias Magno da. Bibliografia específica. Escritos de Josué de Castro. _____. **Josué de Castro** (Coleção Memória do Saber). Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2017.

Aceito em: 12 de maio de 2017.